



**Câmara dos Deputados**  
Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação  
**Escrevendo a História – Mulher Constituinte**

**Discurso proferido na sessão de 14 de abril de 1987,  
publicado no DANC de 15 de abril de 1987, página 1350.**

*Discorre sobre a alta taxa de juros e repercussão na estabilidade das pequenas e médias empresas. Greve dos professores de Brasília.*

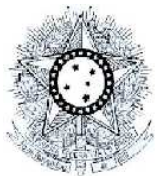
**A SRA. SANDRA CAVALCANTI** (PFL – RJ. Como Líder. Sem revisão da oradora.): – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Constituintes: Estamos assistindo, aqui, em Brasília, e em várias Capitais do País, a um espetáculo desagradável, prejudicial, mas muito sintomático da crise que estamos vivendo.

Refiro-me expressamente, à greve dos professores. Por trás desta greve, na verdade, o que existe é a crise econômica. Por trás de quase todas as greves que estiro explodindo em todo o País, por todos os cantos, o que se esconde, e já nestas alturas não se esconde, é a crise econômica, uma das mais graves que o País já atravessou.

Talvez nunca tenhamos estado numa posição tão perigosa como a que chegamos agora. Um exemplo típico de que esta tormenta começa a se abater, forte e firme, em áreas até então aparentemente inexpugnáveis, é a seqüência de concordatas e de falências, de fechamento de pequenas e médias empresas em todo o Território Nacional.

Quem viu uma cidade como Petrópolis colocar nas ruas 10 mil pessoas protestando contra os juros, num movimento que não precisou sequer ser organizado, bastou ser anunciado, entende a importância do momento que estamos vivendo, porque aquela cidade vinha sendo, até então, dentro do contexto, pelo menos do meu Estado, um modelo de organização de trabalho, do trabalho artesanal, do trabalho doméstico, da pequena fábrica de fundo de quintal; uma sociedade que estava, serena e tranqüila, enfrentando um crescimento surpreendente, fazendo da famosa rua Teresa uma rua nacional que o Brasil inteiro conhecia e onde o País inteiro ia-se abastecer para as suas compras de atacado, para as suas confecções, para suas butikues, para suas lojas espalhadas em todo o território. Nem mesmo as pessoas mais sérias e mais corretas, em termos de gerenciamento, estão escapando da situação que está montada agora.

E não é de espantar, não é de escandalizar que, de repente, nomes ilustres, pessoas com um passado da maior retidão, sob todos os pontos de vista, sejam colhidas por esse vendaval e expostas a essa dramática situação de não poderem pagar as suas dívidas. E me recordo muito bem, quando o Brasil viveu um período também muito sério



**Câmara dos Deputados**  
Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação  
**Escrevendo a História – Mulher Constituinte**

como este, mas talvez não tão sério como este, naquela brutal recessão dos anos 79, 80, um querido amigo meu, empresário paulista de uma das mais tradicionais indústrias de São Paulo, ocupando um cargo no Congresso Nacional, viu a sua indústria ser obrigada a pedir concordata para poder enfrentar os juros intoleráveis de empréstimos que ele havia feito para expandir os seus negócios.

E foi muito bonito ver esse Companheiro, esse amigo suportar toda a carga de críticas que recaiu sobre ele, tocar a sua empresa com muita garra e com muito empenho e, ao fim de quatro, cinco anos, sair da concordata brilhantemente, mostrando que aquilo era um mero episódio. E a concordata, que é uma figura inventada, legitimada por lei para esses casos, não é um vexame, é um grande recurso para quando os juros disparam.

Ao que estamos assistindo no Brasil é a guerra dos juros. Tivemos aqui vozes admiráveis criticando, analisando a situação da dívida externa do Brasil. Nossos Ministros não fazem outra coisa senão viajar para o exterior para conversar com os banqueiros que, lá fora, estão cobrando do Brasil do mesmo jeito como aqui dentro os bancos estão cobrando dos brasileiros.

Essa indignação cívica que toma conta do País, quando o gasganete do País começa a ser torcido por um grupo de banqueiros lá de fora, é a mesma indignação que toma conta de todos nós quando vemos o empresário brasileiro ser esganado, aqui dentro, pelos que tomam dele o que ele tem por causa de juros escorchantes, abusivos, juros que, na realidade, ferem todos os limites da lei de usura que um dia já se tentou implantar neste País.

Neste momento, por exemplo, o Líder do nosso Partido, o nosso Líder do Partido da Frente Liberal, está passando exatamente pelo drama de qualquer brasileiro que tomou um empréstimo para expandir os seus negócios. Em novembro – ele conversava comigo isto, no corredor, hoje de manhã –, quando ainda devia 4 milhões, tentou fazer uma dação em pagamento e acertar a dívida. Não conseguiu, porque, tão séria quanto a insensibilidade dos que cobram juros, é a insensibilidade da burocracia encarregada de resolver qualquer questão. Agora, não deve mais 4 milhões, deve 13 milhões. Daqui a um mês deverá 20 milhões.

Chegará uma hora em que todos os bens acumulados, ao longo de anos e anos de esforço honesto, de trabalho decente, não serão suficientes para pagar os serviços dos



**Câmara dos Deputados**  
Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação  
**Escrevendo a História – Mulher Constituinte**

juros que são cobrados, hoje, no Brasil, contra os brasileiros. O maior drama que este País está vivendo, hoje é a crise econômica eterna.

Os colégios não estão podendo sobreviver as instituições filantrópicas estão fechando; as fábricas estão começando a despedir seus empregados, a pretexto de enxugar a folha de pagamento, e de todos os pontos do País explode a necessidade de uma revisão salarial, que se traduz numa greve de reivindicações. Quando olhamos em volta e vemos que, apesar de todo esse quadro, ainda existe, no panorama geral da administração pública brasileira, uma visão completamente distorcida desta realidade, o nosso medo ainda fica maior, porque ainda há quem ache que pode chegar aos ouvidos do Presidente para dizer que as pessoas que estão protestando contra essa situação estão prestando um desserviço ao País, que todo o Brasil se una para tentar sair da situação? Isto é lógico, ninguém quer ver o “circo pegar fogo”, todos moramos aqui, vivemos aqui, aqui pretendemos ficar e, portanto, temos o maior interesse em que se encontre uma saída Não podemos, e não devemos é calar diante de uma situação que é inequívoca.

Em todo drama por que vem passando o povo brasileiro, houve sempre um setor que conseguiu não ser atingida o setor financeiro, que, com juros altos, ganha; com juros baixos, ganha; com o País encalacrado, ele ganha; com o País com progresso, ele ganha. É por isto que nós, nesta Constituição, temos uma tarefa muito séria pela frente: a de enfrentar, de fato, pela primeira vez, o sistema bancário brasileiro, olhar com coragem o que está acontecendo neste País em matéria de usura oficializada, fiscalizar.

O Congresso tem que fiscalizar o que vem acontecendo em matéria de dívida interna; saber por que o dinheiro que se arrecada do povo não chega para as despesas, e por que o Governo brasileiro; através da colocação de papéis, continua sendo ele, nesta altura, ainda o maior responsável pelo maior desastre da vida brasileira nos dias de hoje: os juros extorsivos, que como um sal, se estão encarregando de matar, neste País, qualquer possibilidade de renascimento da nossa economia. (Muito bem! Palmas)